

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Curso de Graduação - Licenciatura em Artes Visuais

Fernanda Porto Campos

Trabalho de Conclusão de Curso

**APROXIMAÇÕES COM OBJETOS: CONEXÕES ENTRE ARTE,
ENSINO E COTIDIANO**

Porto Alegre,
2020

Fernanda Porto Campos

Trabalho de Conclusão de Curso

**APROXIMAÇÕES COM OBJETOS: CONEXÕES ENTRE ARTE,
ENSINO E COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Área de habilitação: Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Celso Vitelli

Porto Alegre,
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Campos, Fernanda Porto
APROXIMAÇÕES COM OBJETOS: CONEXÕES ENTRE ARTE,
ENSINO E COTIDIANO / Fernanda Porto Campos. -- 2020.
70 f.
Orientador: Celso Vitelli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2020.

1. Ensino. 2. Arte. 3. Objetos. 4. Cotidiano. I.
Vitelli, Celso, orient. II. Título.

Fernanda Porto Campos

**APROXIMAÇÕES COM OBJETOS: CONEXÕES ENTRE ARTE,
ENSINO E COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Artes Visuais.

Data da aprovação: 24 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Celso Vitelli (Orientador)

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi (Examinador)

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Celso Vitelli, pela paciência e pela dedicação em todos estes meses e em todos os anos em que foi meu professor.

Aos professores de Estágio, na UFRGS e nas escolas que me acolheram com muito respeito e me auxiliaram neste primeiro passo da minha transformação aluna-professora.

Ao André, meu marido, à minha mãe, por me apoiarem em tudo, sempre.

E a Deus.

Obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a experiência dos estágios de docência realizados no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Aborda o estudo do uso de objetos do cotidiano na arte e também a utilização desse tema em aulas de Ensino Fundamental e Médio. Destaca os ready made e objets trouvés, e as notáveis contribuições à História da Arte de artistas como Marcel Duchamp, Salvador Dalí, Man Ray e Joseph Kosuth. Nessa direção, esses estudos promovem aproximações de conteúdos pesquisados com as propostas para as aulas de estágios através da apresentação de produções contemporâneas dos artistas Nelson Leirner, Jac Leirner e Sandro Ka. Mostra também as produções dos alunos e as transformações de suas percepções e conhecimentos sobre a arte que utiliza objetos prontos. Conclui pontuando os novos questionamentos que surgiram com a atividade de pesquisa, ressaltando o envolvimento e as transformações ocorridas em sala-de-aula, sinalizando uma das formas de legitimação do conteúdo de arte na escola. Os principais autores utilizados na pesquisa são: Paulo Freire, Raimundo Martins e Irene Tourinho, entre outros.

Palavras-chave: Ensino; Arte; Objetos; Cotidiano.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	
Bicycle Wheel.....	11
FIGURA 02	
Fountain.....	12
FIGURA 03	
Lobster Telephone.....	13
FIGURA 04	
The Gift.....	13
FIGURA 05	
One and Three Chairs.....	14
FIGURA 06	
O porco.....	16
FIGURA 07	
O grande Combate.....	17
FIGURA 08	
O dia em que o Corinthians foi campeão.....	18
FIGURA 09	
Exposição <i>Vestidas de branco</i>	18
FIGURA 10	
Algumas obras da exposição Traduções: Nelson Leirner leitor dos outros e de si mesmo.....	19
FIGURA 11	
Inacabável (roda sobre roda).....	22
FIGURA 12	
Pulmão.....	23
FIGURA 13	
Georgemóvel.....	25
FIGURA 14	
Da Condição Feminina.....	25
FIGURA 15	
O Banho de Vênus.....	26
FIGURA 16	
Vênus.....	26
FIGURA 17	
Piscina.....	27
FIGURA 18	
Reconhecimento.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 <i>READY MADE</i> E <i>OBJET TROUVÉ</i> NA HISTÓRIA DA ARTE.....	11
3 AS PROVOCAÇÕES DE NELSON LEIRNER	16
4 JAC LEIRNER: OBJETOS FORA DO FLUXO DE CONSUMO.....	22
5 IRONIA E HUMOR SARCÁSTICO EM SANDRO KA.....	24
6 OBJETOS DO COTIDIANO E O ENSINO DA ARTE	29
6.1 O Estágio como momento de acolhimento	30
6.2 “Ô sôra, isso daí tem lá na minha quebrada!”	31
6.3 Aulas de artes: sensações, ações, impressões, expressões	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
8 REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A.....	66

1 INTRODUÇÃO

Desde meu 1º ano de idade eu já frequentava a creche pública da minha cidade. Meu Ensino Fundamental e o Ensino Médio/Curso Normal/Magistério também aconteceram em escolas públicas, assim como o Ensino Superior. Como aluna de rede pública de ensino, posso contar nos dedos quantas vezes fui com a escola a um museu e as vezes que tive contato com as artes visuais. A primeira visita que fiz a uma exposição de arte que tenho lembrança aconteceu à 5ª Bienal do Mercosul, eu era aluna do Magistério (Curso Normal), e estudava em Guaíba/RS, uma cidade vizinha à capital. Foi nessa visita que conheci a casa de pelúcia cor de rosa, obra intitulada *Ilusión*, da artista Raquel Schwartz, e talvez tenha sido neste momento que a arte contemporânea me chamou atenção, arte esta que anteriormente eu conhecia apenas pela televisão.

Foi revendo essa realidade, que talvez seja comum a muitos estudantes da educação básica – que geralmente pouco têm contato com objetos de arte –, que ao me aproximar das últimas etapas do curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, onde ocorrem os estágios e trabalhos de conclusões, que comecei a pensar em como poderia abordar a aproximação do dia-a-dia dos estudantes com as artes visuais, em especial a arte contemporânea, (e para aqueles que, diferente de mim na adolescência, já estavam aproximados da arte contemporânea e das artes visuais, continuar trabalhando este tema) desejando trabalhar a percepção do próprio meio escolar, nos tornando sensíveis quanto ao fato de que há arte em muitos lugares, não apenas dentro dos museus.

Primeiramente ponderei sobre o que, para esses estudantes, seria significativo e interessante como assunto para aulas de arte, assim como o que para mim seria viável levar até eles. Logo, pensei sobre a necessidade de notarmos o nosso meio e nossas realidades, percebendo o que poderia ser arte. Lembrei-me da já esgotada pergunta “o que é arte” e das perguntas que para mim eram centrais deste trabalho de pesquisa: “por quê isso é arte?” ou “isto também pode ser/é arte?” até chegar numa questão que, acreditava, merecer maior destaque até os meus estágios iniciarem, que era: “onde existe arte?”. Após o início do estágio a pergunta foi se transformando de “o que os alunos percebem como arte?”, passando por

“como os alunos produzem arte?”, “qual envolvimento dos alunos na criação da arte?” e também “o que para os alunos é significativo para expressar em artes?”.

Foi a partir dos questionamentos iniciais que surgiu a vontade de refletir sobre os objetos do cotidiano dos estudantes, relacionando-os com a arte e, a partir daí, estudar os *ready made* na história da arte a partir de Duchamp, discutindo o que elevou estes objetos do cotidiano a obras de arte, desde a época deste artista até os dias atuais, com os artistas contemporâneos, para perceber as características que deslocam um objeto de sua função para a qual foi criado à categoria de obra de arte.

É importante salientar que este Trabalho de Conclusão de Curso foi escrito no período pós estágio, durante a pandemia de infecções de SARS-CoV-2 (COVID 19), quando a UFRGS, após meses de discussão e planejamento emergencial, ofereceu atividades via Ensino Remoto Emergencial, um período difícil para todos tanto por questões psicológicas, onde se tornou difícil escrever e produzir tendo tantas preocupações externas, quanto é difícil também escrever sem ter opção de pesquisar fora da internet, sem ter acesso a museus, arquivos e bibliotecas, tendo que utilizar apenas os textos e livros que estavam disponibilizados em rede.

2 READY MADE E OBJET TROUVÉ NA HISTÓRIA DA ARTE

Os objetos são criados, geralmente, com algum objetivo, alguma utilidade: as bicicletas como meios de transporte, as cadeiras como objetos de apoio e descanso ao nosso corpo, as latas e garrafas como recipientes de líquidos, etc. Mas, se formos a um museu de arte contemporânea, não é difícil encontrarmos um destes objetos de uso cotidiano apresentados como arte.

Os objetos vêm sendo representados na arte através de desenhos, da fotografia e da pintura, mas foi no século XX que o objeto em si passou a ser apresentado “ao vivo”, o objeto propriamente dito, seja ele sozinho como foi criado artesanal ou industrialmente ou ele apropriado e transformado em um novo objeto.

Marcel Duchamp (1887–1968) apresenta, em 1913, seu trabalho intitulado *Bicycle Wheel*, uma roda de bicicleta acoplada a um banco (Figura 1). Ambos objetos perderam imediatamente sua utilidade quando juntados da forma que o artista os apresentou: a roda já não mais se movia estando longe do chão e o banco, tornou-se impossível de ser utilizado para descanso, uma vez que há uma roda sobre seu assento. Os dois objetos foram deslocados de seu uso cotidiano para serem reapresentados como obra de arte.

FIGURA 01: Bicycle Wheel



Marcel Duchamp (França, 1887 – França, 1968)
Bicycle Wheel | Original Title: Roue de bicyclette
Date: 1913 Style: Dada, Kinetic Art
Location: Israel Museum, Jerusalem, Israel
FONTE: <https://www.wikiart.org/en/marcel-duchamp/bicycle-wheel-1913>

[...] Para Duchamp, pouco importava se a obra havia sido produzida por suas próprias mãos ou pela mão de terceiros. O que de fato tornou-se relevante foi à intenção de deslocar um objeto comum da vida cotidiana, não reconhecido como artístico, para o campo da arte. (CARRER, 2013, p.28)

Em 1917, Duchamp envia para o Salão dos Independentes, de Nova York, um urinol de louça¹ (Figura 2), uma de suas obras mais conhecidas, a *Fountain*. Segundo Rossini seu objetivo foi justamente apresentar um objeto sem nenhum interesse estético “Para Duchamp a escolha do objeto deveria recair sobre algo que não exercesse nenhum tipo de sedução estética (2005, p.104)”.

FIGURA 02: Fountain



Marcel Duchamp (França, 1887 – França, 1968)

Fountain

Date: 1917 Style: Dada

Location: Tate Modern, London, UK

FONTE: <https://www.wikiart.org/en/marcel-duchamp/fountain-1917>

É possível refletirmos que a inserção dos objetos cotidianos no sistema da arte trouxe um novo momento, onde não necessariamente o valor estético era primordial. Assim, Duchamp trouxe ao sistema da arte, com estes seus questionamentos e sua ironia, um novo momento.

Quando Duchamp escolhia um objeto qualquer, a importância do trabalho passava a ser transferida da obra para o autor da escolha. Ao propor um objeto como arte – um objeto industrial, desfuncionalizado, nem feio nem bonito, um objeto apenas – ele, por tabela, implodiu a lógica do sistema artístico. Demonstrou que a produção de novos sentidos, o interesse estético, não são coisas que se esgotem no objeto instituído como artístico,

¹ Sobre autoria da obra, há um questionamento sobre a obra ser de autoria de Marcel Duchamp ou da Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven. Ler sobre em: <https://interartive.org/2017/04/elsa-e-duchamp> e em <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2017/04/15/teria-a-fonte-de-duchamp-sido-criada-por-uma-vanguardista-esquecida-278553.php>

e também que a arte é uma prerrogativa de quem olha, não necessariamente de quem faz. (FARIAS² apud ROSSINI, 2005, p.105)

Enquanto os *ready-mades* eram objetos sem interesse estéticos para Duchamp, André Breton trouxe para o Surrealismo o *objet trouvé* (objeto encontrado) que tinha ligação com sua estética e sua aparência.

O *objet trouvé* (fr. "objeto encontrado") - objeto encontrado ao acaso pelo artista e exposto como obra de arte - segue em linhas gerais o princípio que orienta a confecção do *ready-made*, ainda que Duchamp faça questão de marcar a diferença entre ambos: enquanto o *objet trouvé* é escolhido em função de suas qualidades estéticas, de sua beleza e singularidade (implicando então num juízo de gosto), o *ready-made* elege um objeto entre vários iguais a ele. Nada diferencia ou particulariza a escolha, que é feita de modo totalmente casual. (READY-MADE, ENCICLOPÉDIA, 2019)

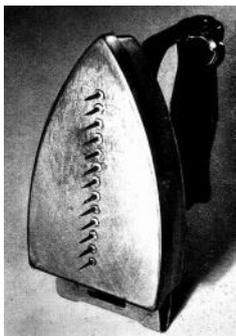
Conhecidos exemplos de *objets trouvés* são o *Lobster Telephone*, de 1938 (Figura 3), de Salvador Dali (1904 - 1989) e *The Gift*, de 1921 (Figura 4), de Man Ray (1890 - 1976).

FIGURA 03: Lobster Telephone



Salvador Dali
(Espanha, 1904 — Espanha, 1989)
Lobster Telephone
Date: 1938 Style: Surrealism
Location: Tate Modern, London, UK
FONTE: <https://www.wikiart.org/en/salvador-dali/lobster-telephone-1938>

FIGURA 04: The Gift



Man Ray
(EUA, 1890 – França, 1976)
The Gift | Original Title: Le Cadeau
Date: 1921 Style: Dada
Location: Museum of Modern Art (MoMA),
New York City, NY, US
FONTE: <https://www.wikiart.org/en/man-ray/the-gift-1921>

² FARIAS, Agnaldo e ROELS JR., Reynaldo. Cotidiano/arte: o objeto anos 60/90. São Paulo: Itaú Cultural, 1999.

Tanto os *ready-mades* quanto os *objets trouvés*, no decorrer dos anos, estão presentes em obras de diversos artistas, e foi a partir destas utilizações e desdobramentos pelos quais o sistema da arte passou e passa, que a arte conceitual se apresentou na exposição “*Information*” com curadoria de Kynaston McShine, realizada no The Museum of Modern Art - MoMA (Museu de Arte Moderna) de Nova York, em 1970, que também contou com os artistas brasileiros: Artur Barrio, Cildo Meireles, Guilherme Vaz e Hélio Oiticica.

Nela, Joseph Kosuth (1945) participa com sua obra *One and Three Chairs*, de 1965 (Figura 5), que consistia em: uma fotografia de uma cadeira, uma cadeira (o objeto) e um texto com a definição da palavra cadeira.

FIGURA 05: One and Three Chairs



Joseph Kosuth (EUA, 1945)

One and Three Chairs

Date: 1965 Style: Conceptual Art

FONTE: <https://www.wikiart.org/en/joseph-kosuth/one-and-three-chairs>

A arte conceitual tem inspiração direta na obra de Marcel Duchamp, ou seja, na retomada, atualização e radicalização da atitude vanguardista proposta pelas poéticas do *ready made* de Marcel Duchamp e do *objet trouvé* dos surrealistas. Duchamp estava interessado mais nas ideias e não simplesmente nos produtos visuais. (CAMPOS, 2014, p.20)

Estas mudanças, ocorridas nas modalidades artísticas no decorrer do século XX, onde os objetos cotidianos passaram a ser deslocados a objetos de arte, são o conteúdo das aulas dos Estágios Curriculares, procurando perceber o que eleva, hoje, um objeto cotidiano ao status de objeto de arte, atividade que se desencadeou no decorrer do semestre através de pesquisas sobre três diferentes gerações de artistas, atuantes até o final dos Estágios (observação: Nelson Leirner veio a falecer em 07 de março de 2020, após o término das atividades de Estágio):

1) Nelson Leirner (1932-2020); artista multimídia que na década de 1960 passa a deslocar objetos de seu uso habitual, transitando entre escultura e objeto, em seguida, passa a incorporar o espectador, que participa de suas obras, o uso de elementos da cultura pop brasileira se intensifica no decorrer dos anos, sendo que a partir de 2000 passa a tratar as apropriações das imagens conhecidas na história da arte;

2) Jac Leirner (1961), artista que viaja pelo mundo e que coleta objetos do cotidiano, geralmente ligados às questões de consumo e os transforma em objetos de arte; como exemplo as obras: *Os Cem*, 1986, que une cédulas e as fura, unindo com tiras, criando um novo objeto; *Pulmão*, 1987, que coleciona embalagens de cigarros unidas por um cordão; *Nomes*, 1989, na qual junta sacolas de instituições de arte, e *Corpus Delicti*, 1985/1993, onde apresenta objetos de aviões.

3) Sandro Ka (1981) artista que une objetos de diversos contextos dando um novo significado “[...] justapondo elementos da cultura popular e da indústria cultural, provocando um curto-circuito entre conceitos da cultura popular e erudita.[...]” (GALERIA MAMUTE, s.d, on-line).

3 AS PROVOCAÇÕES DE NELSON LEIRNER

O artista já era reconhecido no sistema das artes antes do IV Salão Nacional de Arte Contemporânea de Brasília, inclusive com seu conhecido trabalho *Que Horas São Dona Cândida?*, 1965, mas foi este salão que marcou sua produção com objetos, quando ele envia um porco empalhado, preso em um caixote de madeira, levando um pedaço de presunto amarrado ao pescoço.

FIGURA 06: O porco



Nelson Leirner (Brasil, 1932 - 2020)

O porco Date: 1965

Location: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil

FONTE: Catálogo da exposição Vestidas de Branco, de Nelson Leirner (Museu Vale, 2008)

IMAGEM: Romulo Fialdini, O Porco. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra5980/o-porco>>. Acesso em: Nov. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Após o aceite de sua obra no Salão, ele publica a carta aberta *Qual o critério*, no *Jornal da Tarde* (1967), onde questiona o júri sobre quais critérios foram adotados ao considerarem o porco como obra de arte. O júri era composto por

Frederico Morais, Clarival Valadares, Mario Barata, Walter Zanini e Mário Pedrosa. As respostas passam a ser chamadas como *Happening da crítica*.

Suas provocações continuam ocorrendo no decorrer de sua carreira, o artista continua tendo uma percepção sagaz do cotidiano que o cerca, fazendo apontamentos quanto à vida da sociedade, a política, as relações de consumo humanas e o sistema da arte utilizando objetos do cotidiano.

Como acontece na obra que foi remontada, renomeada e resignificada diversas vezes ao longo de sua carreira *O Grande desfile*, 1984, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; *O Grande Combate*, 1985 (Figura 7), na Galeria Luisa Strina, em São Paulo; *O Grande Enterro*, 1986, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e, dentre tantas ocasiões nas quais esta obra foi remontada e reapresentada, as últimas que encontrei na pesquisa se referem a *O dia em que o Corinthians foi campeão*, 2004, no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo e no casamento montado na exposição *Vestidas de Branco*, no Museu Vale, em 2008.

FIGURA 07: O grande Combate



Nelson Leirner (Brasil, 1932 - 2020)

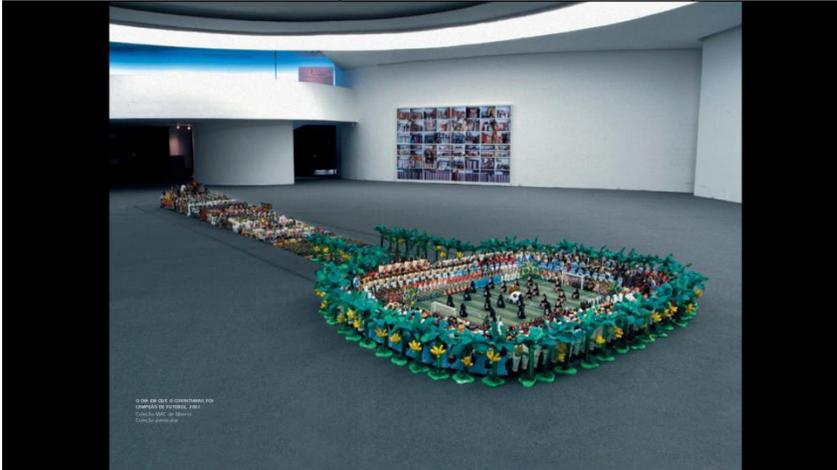
O Grande Combate Date: 1985

Location: Coleção do artista

FONTE: O Grande Combate. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra12431/o-grande-combate>>. Acesso em: 30 de Jun. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

IMAGEM: Romulo Fialdini, O Grande Combate. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra12431/o-grande-combate>>. Acesso em: Nov. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FIGURA 08: O dia em que o Corinthians foi campeão



Nelson Leirner (Brasil, 1932 - 2020)

O dia em que o Corinthians foi campeão Date: 2004

FONTE: <https://timoneirosblog.wordpress.com/2017/03/14/artes-visuais-instalacao-o-dia-em-que-o-corinthians-foi-campeao-de-futebol-19842004-por-nelson-leiner/>

FIGURA 09: Exposição *Vestidas de branco*



Nelson Leirner (Brasil, 1932 - 2020)

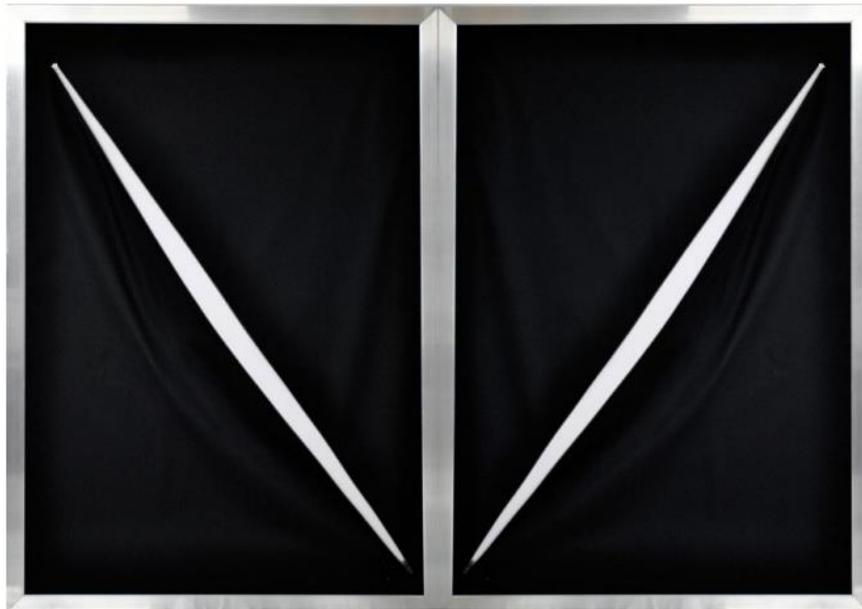
Exposição Vestidas de branco

FONTE: <http://grupomare.blogspot.com/2008/08/vestida-de-branco-nelson-leiner.html>

Esta obra é uma instalação que a cada nova remontagem ganha novas peças, é renomeada e apresentada com uma forma diferente de expografia.

Nos seus trabalhos mais recentes, Leirner trabalhou a banalização, pela sociedade de consumo, das imagens da história da arte, como exemplo, na exposição *Traduções: Nelson Leirner leitor dos outros e de si mesmo*, com Curadoria de Lilia Moritz Schwarcz, conforme imagens de algumas de suas obras, a seguir:

FIGURA 10: Algumas obras da exposição *Traduções: Nelson Leirner leitor dos outros e de si mesmo*



TÍTULO / TITLE **EU E FONTANA**
ANO / YEAR 1999
DIMENSÕES / DIMENSIONS 182X252CM [DÍPTICO/ DIPTYCH]
TÉCNICA / TECHNIQUE LONA E ZIPER
CANVAS AND ZIPPER
EDIÇÃO / EDITION 1/1



TÍTULO / TITLE **CONSTRUTIVISMO RURAL**
 ANO / YEAR 1999/ 2012
 DIMENSÕES / DIMENSIONS 83X110CM
 TÉCNICA / TECHNIQUE COURO DE VACA SOBRE MADEIRA
 COW PELTRY ON WOOD
 EDIÇÃO/ EDITION 1/1



TÍTULO / TITLE **XEQUE-MATE: TOURO MONDRIAN E DUCHAMP**
 ANO / YEAR 2012
 DIMENSÕES / DIMENSIONS 22X49X49CM
 TÉCNICA / TECHNIQUE TABULEIRO DE XADREZ E BONECOS
 CHESS TABLE AND DOLLS
 EDIÇÃO/ EDITION 1/1



TÍTULO / TITLE **DA SÉRIE COLEÇÕES**
ANO / YEAR 2003
DIMENSÕES / DIMENSIONS 34X40X08CM
TÉCNICA / TECHNIQUE CAIXA DE VELUDO, MOEDAS, ISQUEIRO, CERÂMICA, CHAVEIRO E PINGENTE EM CAIXA DE ACRÍLICO.
VELVET BOX, COINS, LIGHTER, CERAMICS, KEY CHAIN AND PENDANT IN ACRYLIC BOX
EDIÇÃO / EDITION 1/1

FONTE:

https://galeriavermelho.com.br/sites/default/files/expo/text/Nelson%20Leirner_Tradu%C3%A7%C3%B5es_19_08.pdf

4 JAC LEIRNER: OBJETOS FORA DO FLUXO DE CONSUMO

A artista Jac Leirner apresenta objetos coletados e rerepresentados como objetos artísticos, geralmente tendo como principal tema uma crítica ao consumo. Estas grandes séries algumas vezes levam anos para serem concluídas.

Na obra *Inacabável (roda sobre roda)*, 1982,

[...] a artista realizou o que se tornaria a característica mais evidente de sua produção futura, a qual nos interessa aqui: a acumulação e ordenação de objetos retirados do cotidiano, os quais sofrem processos de transformação e de ganho de sentidos, e posterior exposição dos mesmos. Isso se repetirá de maneira insistente ao longo de toda sua produção. Em *Inacabável*, materiais como feltro, vidro, alumínio, couro, borracha, plástico, papel e espuma, cortados em formato circular, são empilhados em torno de um eixo vertical. (LIMA, 2016, p.34 e 35)

FIGURA 11: *Inacabável (roda sobre roda)*



Jac Leirner (Brasil, 1961)

Inacabável (roda sobre roda) Date: 1982

FONTE: INACABÁVEL (roda sobre roda). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65737/inacabavel-roda-sobre-roda>>. Acesso em: 24 de Jun. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Embora a obra *Inacabável (roda sobre roda)* não seja constituída por objetos e sim materiais, é um ponto marcante de sua produção por ser a partir de então que ela passa a acumular e rerepresentar materiais.

Ao longo dos anos a artista passa a apresentar diversas obras marcantes em sua carreira, como *Os Cem*, 1986, que junta notas de 100 cruzeiros furadas e

presas em tiras; *Pulmão*, 1987, que traz uma coleção de embalagens de cigarros unidas por um cordão de poliuretano; *Nomes*, 1989, na qual coleciona sacolas de instituições de arte, unindo-as e cobrindo até paredes inteiras e, dentre outras, *Corpus Delicti*, 1985/1993, obra que reúne objetos coletados em aviões, ligando-os por uma corrente, como uma joia.

FIGURA 12: Pulmão



Jac Leirner (Brasil, 1961)

Pulmão Date: 1987

Location: The Museum of Modern Art (MoMA)

FONTE: PULMÃO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65739/pulmao>>. Acesso em: Nov. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

IMAGEM: <https://gallerysonjaroesch.wordpress.com/2012/04/25/jac-leirner-in-this-will-have-been-at-mca/>

5 IRONIA E HUMOR SARCÁSTICO EM SANDRO KA

Sandro Ka propõe cruzamentos entre elementos da cultura visual, ele usa brinquedos de plástico e de borracha, esculturas de porcelana, de gesso e objetos de variados materiais como vidro, metal e madeira.

Em 2017 Ka participou da exposição *Sandro Ka – Tanto barulho por nada*, com curadoria de Ana Albani de Carvalho e apresentação de Carlos Trevi, nas Salas Negras do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS. Na ocasião apresentou “[...] cerca de 30 obras inéditas que traduzem seu repertório criativo: um universo temático e processual marcado pela presença de objetos e imagens advindos da cultura popular e da indústria cultural. [...]” (MARGS, 2017, ON-LINE). No catálogo desta exposição, Carvalho (2017, n/p), afirma que

A interação e os cruzamentos entre diferentes áreas da cultura visual contemporânea e o curto-circuito entre o popular e o erudito observado nos trabalhos de Sandro Ka não eliminam a necessária atenção ao debate intrínseco à história da arte. Seus procedimentos fundam-se nos princípios da apropriação, na esteira do *ready-made* dadaísta e nos marcos da Pop Art, tendo a estratégia da *assemblage* como fio condutor dos trabalhos reunidos nessa exposição.

O artista desloca objetos de diferentes materiais e de diferentes contextos, unindo-os e dando uma nova narrativa à cena montada, confrontando-os, levando o espectador a de fato perceber um novo objeto criado ali:

[...] Para ele, deslocar as imagens ou brinquedos de seu uso genuíno, familiar, provoca sentidos novos. Ele conta que esta série partiu de um acaso. Já colecionava imagens de santos e, em uma caminhada na rua, encontrou um discman rosa da boneca Barbie. Chegando no ateliê, fez um encaixe dele em uma "escultura" de Nossa Senhora com o menino Jesus no colo: "Era como se aquelas duas peças sempre coexistissem. Alguma coisa aconteceu: que chave é essa? Passou um ano, trouxe esse enigma para investigar como projeto de graduação, porque queria entender o que tinha acontecido ali que aquele encaixe parecia tão perfeito e virava uma outra coisa". Depois, ela se transformou no trabalho *Nossa Senhora do Relax*. (SILVA, 2017, on-line)

FIGURA 13: Georgemóvel



Sandro Ka (Brasil, 1981)

Georgemóvel Date: 2012

Gesso e plástico 24 x 18 x 17 cm

FONTE:

<https://cargocollective.com/genuinaobra/following/genuinaobra/SANDRO-KA>

IMAGEM: SantoClic

FIGURA 14: Da Condição Feminina



Sandro Ka (Brasil, 1981)

Da Condição Feminina Date: 2007

FONTE: Instagram sandro.ka.atelier

FIGURA 15: O Banho de Vênus



Sandro Ka (Brasil, 1981)

O Banho de Vênus Date: 2007

Location: Pinacoteca Aldo Locatelli

FONTE: Instagram sandro.ka.atelier

FIGURA 16: Vênus



Sandro Ka (Brasil, 1981)

Vênus Date: 2013

Location: MACRS

FONTE: Instagram

sandro.ka.atelier

FIGURA 17: Piscina



Sandro Ka (Brasil, 1981)

Piscina Date: 2015

Intervenção Urbana na Fonte A *Samaritana* - Porto Alegre, RS, Brasil

FONTE: <https://rnottmagazine.com/interrogando-sandro-ka/>

IMAGEM: Ariane Laubin.

A ironia é presente nos trabalhos de Nelson Leirner e Jac Leirner, porém na obra de Sandro Ka as questões de seu cotidiano são frequentemente apresentadas com humor e ironia, convidando ao público, de forma descontraída a refletir sobre temas e atitudes do cotidiano.

[...] A ironia se constituirá na intenção do interpretador assim como do seu produtor e atuará num contexto específico (cultural, social e, às vezes, até político), numa relação entre o concebido e o percebido. A ironia acontece como parte de um processo comunicativo; não é instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações entre significados, entre pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações; o irônico se estrutura “na” e “pela” linguagem. Divide-se, portanto, ininterruptamente - eis porque é uma multiplicidade. É ironia justamente à medida que se atualiza, criando linhas de diferenciação que correspondem a seus diferentes dispositivos no campo da arte. Há apenas uma ironia, embora haja uma infinidade de fluxos que participam necessariamente desse mesmo pluralismo. (SCOVINO, 2009 p.160)

Este conceito de ironia apresentado por Scovino pode representar a experiência do espectador da obra ao conhecer a produção do artista: as relações propostas pelo artista dependem da bagagem de quem a vê e a interpretação acaba por ser aberta, dependendo de diversos fatores que interferem na obra.

FIGURA 18: Reconhecimento



Sandro Ka (Brasil, 1981)
Reconhecimento Date: 2008
Location: MARGS
FONTE: Instagram
sandro.ka.atelier

A percepção do cotidiano e de temas que têm permeado o dia-a-dia dos adolescentes, aproxima a obra de Sandro Ka daquilo que eu buscava trabalhar em sala de aula, porque ele faz apontamentos sobre assuntos de seu dia-a-dia. Já o artista Nelson Leirner traz questionamentos e provocações ao sistema da arte e Jac Leirner, discute temas como o do acúmulo, do consumo.

6 OBJETOS DO COTIDIANO E O ENSINO DA ARTE

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Paulo Freire (1996, p.13)

Trabalhar com materiais do cotidiano vem de uma ideia minha, antiga, de tentar exercitar a percepção dos estudantes sobre os seus contextos, além de provocá-los a pensar que existe arte fora dos museus, nos seus múltiplos cotidianos.

Paulo Freire (1996) salienta a importância de o professor respeitar e levar em consideração a bagagem do aluno, seu contexto, tendo sua realidade econômica e social como fatores importantes na construção das aulas.

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p.33)

É a partir deste pensamento que o trabalho com objetos do cotidiano vem sendo pensado neste Trabalho de Conclusão de Curso e foi abordado nos Estágios, uma vez que diariamente os estudantes possuem uma enorme gama de objetos de seu uso, que podem, até mesmo, representar suas identidades e que carregam diversos conceitos e histórias. Tais objetos são feitos a partir de diversos materiais, tendo diferentes esteticidades, se levarmos em consideração a variedade deles. Assim, acredito que estes objetos, trazidos pelos alunos à sala de aula, têm potência de trabalho para as aulas de artes. Além disso, o trabalho com Arte Contemporânea pode introduzir e estimular debates sobre o cotidiano dos estudantes, gerando reflexões e percepções.

A arte contemporânea visa produzir experiências de estranhamento. A pergunta que ela suscita não é tanto “isto é belo?” mas “isto é arte?”. Mais uma vez, estamos diante da incerteza. Mas insiste a força do enigma, a potência do que não é conhecido, sabido e esperado. Somos forçados a pensar, a ir além. Acolher e habitar incertezas é uma questão de

aprendizagem. Aqui, não se trata da aprendizagem mecânica ou intelectual, nem daquela que se baseia na transmissão de informações. A educação não é uma questão de informação, nem de explicação, nem de formação de opinião. A questão aqui é a da aprendizagem inventiva, que inclui a capacidade de problematizar, de criar novos problemas. Trata-se de instaurar uma política cognitiva da invenção. (KASTRUP, TEDESCO, PASSOS³ apud KASTRUP, 2016, p.4)

6.1 O Estágio como momento de acolhimento

O Estágio se realizou em duas escolas da cidade de Porto Alegre: o Estágio em Ensino Fundamental na Escola A, que por motivos de reforma temporariamente está localizada em um bairro diferente do seu original, em uma turma de 7º e outra de 8º ano. Já o Estágio de Ensino Médio se realizou em duas turmas de 1º ano, na Escola B.

O plano de Ensino das aulas por mim construído foi avaliado e aprovado pelos meus professores supervisores na UFRGS e pelos professores regentes das aulas de Artes nas escolas em que ocorreu o estágio.

Logo que eu iniciei as observações, me dei conta do quanto havia mudado o ensino nos últimos anos. Era de se esperar as mudanças, uma vez que as gerações estão em constante estado de transformação, assim como a sociedade. Embora eu tenha familiares próximos que são jovens e em idade escolar, foi nas observações das aulas, neste cotidiano de sala de aula que pude ver de fato as transformações. E segui me surpreendendo a cada dia com novos fatos que os adolescentes traziam para a sala de aula.

Nas observações comecei a colocar em cheque a real pertinência da aplicação deste projeto. Surgiram questões como: será que os jovens já não estão notando a arte no seu cotidiano? Será que é necessário pontuar com eles estes assuntos? Será que já não é “natural” para eles, aquilo que para outras gerações causava estranhamento?

Logo que entrei em contato com a escola de Ensino Médio, fui muito bem recebida pela professora que me aceitou como estagiária em duas de suas turmas de Ensino Médio, me mostrou o que vinha trabalhando com os alunos, um projeto sobre o Patrimônio de Porto Alegre, mais especificamente sobre os monumentos, as esculturas e as obras públicas da cidade. Muito feliz se mostrou em podermos dar

³ Virginia Kastrup, Silvia Tedesco e Eduardo Passos. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008

continuidade aos estudos sobre obras em 3 dimensões, porém agora focando na arte contemporânea.

Na escola de Ensino Fundamental tive o mesmo prazer de ser bem recebida pelo professor que me apresentou as turmas e se ofereceu para auxiliar no que fosse preciso para a construção do projeto de ensino.

6.2 “Ô sôra, isso daí tem lá na minha quebrada!”

Para encerramento de suas aulas, a professora levou as turmas para visitar o Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Lá, tive a oportunidade de observar a relação e as bagagens dos alunos quanto à Arte.

Muito curiosos e atentos, os estudantes visitaram todas as salas com exposição no museu. Conversavam com a mediadora da instituição, que chamavam de “sôra”, indagavam e expunham seus pontos de vista. Durante a visita surgiam frases “tu ainda vai ver meu nome aqui nessa parede” e “o sôra, isso parece com o lençol lá de casa” ou “isso daí tem lá na minha quebrada!”.

Nossos estudantes nascem e crescem numa sociedade muito complexa, que poderíamos qualificar de multiambiental ou multicontextual, ou seja, uma sociedade que os leva a conviver, simultaneamente, em diferentes contextos simbólicos – familiar, escolar, grupal e virtual – e pelos quais eles transitam, com tanta facilidade, que se torna difícil determinar com precisão o índice de impacto que cada um desses contextos tem, realmente, nas vidas dos estudantes. [...] (AGUIRRE, 2009, p.160)

Assim, nesta visita, foi possível eu ver as percepções e as ligações que eles faziam das obras de arte que estavam ali no museu com o que eles vivenciam no seu dia-a-dia. Foi também possível conhecer o perfil dos alunos, que é bastante diversificado, composto por pessoas moradoras de localidades diferentes da cidade. E foi em meio a essas frases proferidas pelos estudantes, que eles mostravam um pouco sobre a relação deles com a arte contemporânea. Assim, pude ir pensando, desenhando o meu projeto de Ensino.

6.3 Aulas de artes: sensações, ações, impressões, expressões

Os planos de aula elaborados foram os mesmos para as 4 turmas (7º, 8º anos do Ensino Fundamental e 1ºs anos do Ensino Médio), embora a abordagem em sala

de aula e a forma como se desenrolaram as discussões e os resultados das produções foram diferentes entre cada uma das quatro turmas.

No planejamento do projeto, durante as observações das turmas e antes da regência iniciar, eu comecei a ter receio ao pensar sobre o quanto os alunos eram ativos na aula e o quanto era necessário que o assunto e as atividades de aula fossem cativantes. Afinal, o meu projeto dependia bastante do envolvimento dos estudantes e da participação sempre ativa deles nas atividades. O planejamento das Aulas 1, 2, 3, 4 e 5 aconteceram conforme o que está no Apêndice A.

Na aula 1 a atividade de sair do ambiente sala-de-aula despertou, de fato, o interesse dos alunos, eles se envolveram e participaram, respondendo e conversando sobre o que estava sendo proposto na aula. O ato de se deslocar do ambiente sala de aula provocou também um deslocamento nas atitudes deles.

Com as turmas de Ensino Fundamental a aula aconteceu em um saguão próximo às escadas que dão acesso às salas de aula. A aula sofreu pequenas modificações, os alunos participaram do momento de observação e foram relatando as suas percepções sobre as reproduções de obras que foram apresentadas em um espaço de passagem (era um dia chuvoso). Conversamos sobre o que víamos em cada uma das reproduções, os elementos e materiais usados em cada um dos trabalhos e, depois, retornamos para a sala de aula.

Lá, solicitei que os alunos pensassem em um requisito à sua escolha e eles escolhessem uma obra para responder as questões indicadas no plano de aula. Após, solicitei que eles pensassem no antônimo do motivo pelo qual escolheram aquela obra e agora escolhessem outra para falar sobre. Por exemplo: medo/tranquilidade, beleza/feiura, gostar/não gostar de algum elemento, conhecer/não conhecer algum material utilizado, etc. Assim, se o aluno escolheu uma reprodução de obra porque já conhecia algum dos elementos que estava ali na imagem, agora ele deveria escolher outra na qual houvesse algum elemento que não conhecia. Ainda, se o aluno escolheu falar sobre um trabalho porque a imagem lhe transmitia medo, agora ele deveria escolher outro que lhe transmitisse tranquilidade.

Alguns exemplos:

ALUNO 1

1º O banho de Vênus 2º O grande combate.

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?

Eu fiquei surpresa pois nunca tinha visto uma arte assim e ela provoca que qualquer objeto pode virar uma arte.

Eu fiquei sem reação pois não achei interessante essa obra.

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

Eu lembro de quando eu estava dando banho nos meus primos.

Eu lembro do casamento da minha dinda pois tinha bastante gente.

- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

É uma mini estátua da deusa Vênus que ela está em um banheiro tomando banho com um sabonete.

É um monte de estátuas diferentes um atrás do outro e umas glorias na frente dessas pessoas.

ALUNO 2

FOUNTAIN
THE GIFT

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?

EU FIQUEI SEM ACREDITAR E FIQUEI SEM REAÇÃO NÃO DEMOROU MUITO PARA EU
RIR EU ACHEI MUITO PARECIDO COM UMA PRIVADA DE BANHEIRO PÚBLICO POR CAUSA
DAS COISAS RABISCADAS NELE: ASSUSINADOR ISSO ME LEMBRA UM FILME DE TERROR

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

DE QUANDO EU VOU EM BANHEIROS PÚBLICOS: TIRANDO OS PREGOS ME LEMBRA EU
SENTADO NA CAMA E MINHA AVÓ PASSANDO ROUPA

- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

UM SANITÁRIO DE BANHEIRO PÚBLICO: UM FERRO DE PASSAR COM AGULHAS
ASSASIMAS

ALUNO 3

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?

Desgosto. Porque alguém tem que fumar
toda aquelas carteiros de cigarro para
fazer aquela obra de arte.

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

Não.

- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

Muitas carteiros de cigarro amassadas,
furadas e colocadas em um cordão.

ALUNO 4

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?

Eu tive medo porque o ferro de passar pode rasgar as roupas com os percevejo no meio do ferro.

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

Eu lembrei de um acontecimento com minha mãe ela estava passando o ferro de passar nas roupas limpas em cima da mesa ^{de vidro} até que a mesa começa a esquentar e acaba quebrando ao meio.

- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

Um ferro com percevejos no meio.

ALUNO 5

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?

Ela me provoca revolta e um pouco de pena.

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

Lembro do descaso que a gente está tendo com os animais. Que estamos extinguindo cada vez mais raças e com isso também estamos destruindo o nosso planeta.

- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

Eu vejo uma espécie de caixa de madeira com fendas e um porco dentro dela.

Foi possível perceber que os alunos se envolveram na atividade e algumas vezes memórias particulares afetaram as escolhas pelas obras, como no caso da estudante na qual a mesa da casa quebrou quando a sua mãe passava roupa; ou o caso da avó que passava roupa; entre outros relatados. Assim, é possível ver um pouco das personalidades e percepções nos discursos utilizados nas respostas de cada estudante, como no caso da percepção sobre o descaso com os animais ou

sobre a “destruição do planeta”; ou o desgosto por alguém ter fumado todas aquelas carteiras de cigarro (mesmo que não tenha sido discutido se os cigarros foram utilizados ou descartados para a construção da obra em questão).

Com as turmas do Ensino Médio o plano seguiu modificado como com as turmas do Ensino Fundamental. A aula aconteceu na sala de artes, onde foi possível notar a mudança de comportamento e envolvimento dos alunos com a aula em relação ao seu comportamento quando estão na sala que não é a de artes, durante os períodos de aulas expositivas (em que o professor precisa falar e mostrar mais imagens). As salas de aula dessa escola são bastante grandes e os alunos ficam muito distantes uns dos outros. Foi comum, durante o estágio, eu não conseguir ouvir o que um aluno falava do outro lado da sala, assim, também era fácil a dispersão dos estudantes. Já na sala de artes este comportamento era diferente, pois além de a disposição da mesa tornar a aula mais interativa, o espaço era menor, sendo possível todos se escutarem. Desta forma, as imagens foram dispostas na sala de artes de maneira dinâmica, não se limitando ao espaço da parede. Convidei aos alunos para saírem da sala de aula e, ao chegarem na sala de artes, as imagens já estavam lá, coladas nas mesas, prateleiras, cadeiras e diversos espaços da sala. Os estudantes chegaram, foram olhando as imagens e conversando entre eles sobre as mesmas

Alguns exemplos:

ALUNO 6

1- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você? A obra que eu mais gostei foi Bobster Telephone, acho que foi a obra que mais transmitiu sentimento pra mim. Talvez por me passar o sentimento de querer ligar para alguém e não poder (talvez a lagosita represente alguma situação/sentimento que te impede de ligar). E a que eu menos me interessei foi "o Banho de Vênus", acho que o artista poderia ter feito ela de um modo com mais elementos e cores, justamente por "O nascimento de Vênus" ser uma obra tão bonita. Me provocou desânimo.

2- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? A do Dali me lembra momentos que eu gostaria de voltar a falar com alguém mas não devia porque essa pessoa me machucava/fazia mal. Já a do Banho de Vênus me lembra momentos que eu podia ter sido mais criativa.

3- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem. A do Salvador Dali tem um telefone de discar preto, com uma lagosita de um tom de laranja bem vivo na parte do fone. A do Banho de Vênus tinha a imagem de Vênus em branco, uma banheira rosa pink e um pilar com um sabonete em cima.

ALUNO 7

Porco

qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? e q esta imagem parecia em você?

fiquei surpresa; eu diria que curiosidade, pois o que será que o artista/autor pensou sobre aquela obra.

2- Sim; me lembro de um arde que uns homens ridículos jogaram corações porcos em um buraco e queimaram eles

3- Vejo um porco preso, que parece estar triste; e está preso em uma coroa.

ALUNO 8

1) DA CONDIÇÃO FEMININA: ME FOI PERCEBIDO UMA SUTIL CRÍTICA AO MACHISMO ESTRUTURAL DA SOCIEDADE

O DIA EM QUE O CORINTHIANS FOI CAMPEÃO; ACHEI MUITO EUBÍSTIA, SIMPLEMENTE FEIO.

2) DA CONDIÇÃO FEMININA: SOBRE NIM NADA, MAS SIM SOBRE ONDE ESTOU, O LUGAR QUE EU VIVO E O QUE ESTÁ ACONTECENDO AO MEU REDOR.

(CORINTHIANS: ME REMBRO DE ESTAR DENTRO DE UM ESTÁDIO (BEIRARRIO).

3) CONDIÇÃO FEMININA: FOGÃO, ESPÁTULA, FRIGIDEIRA E A ESTATUA DE UMA MULHER SEM BRASOS.

(CORINTHIANS: ESTÁDIO, PAZMEIRAS, TIMES, TORCIDA, DESFILES, ENTRE MUITAS OUTRAS INFORMAÇÕES VISUAIS.

ALUNO 9

① O dia que o Corinthians foi campeão

① Senti total desinteresse. Me provocou vontade de ir embora.

② Me lembra o quanto odeio futebol.

③ Árvores altas, jogadores um pequeno campo, muitas pessoas (torcedores).

Da condição feminina

① Senti um certo machismo. Me provoca um pouco de ódio, pois lembro de tudo que as mulheres já passaram.

② Me lembra de como eu faço tudo que dizem que mulheres tem que fazer. (cozinhar, limpar, "cuidar" da casa e família)

③ Fogão, frigideira, espátulas e uma vênus.

ALUNO 10

Da condição feminina

Artista:

Sandro Kja

1- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem?
 O que essa imagem provoca em você?

2- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem?
 (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)

3- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a
 imagem, citando quais os objetos que compõe a imagem.

2* Lembrei muito de uma frase, muito dita por todos e também pela minha mãe "não vai cair tuas mãos de fazer isto".

3* Uma imagem de gesso/porcelana sem braços
 diante de um fogão, provavelmente cozinhado.

1* Uma sensação de realidade, de cansaço diante de uma rotina pesada.

ALUNO 11

Título: One and Three Chairs

Artista: Joseph Kosuth (EUA, 1965)

- Qual foi a primeira reação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você? Eu olhei a imagem e dei uma cadeira e dei quatro, um deles eram o desenho de uma cadeira e o outro é o que uma coisa precisa ser para tornar-se uma cadeira. Sabendo da história da obra de arte, eu vejo de maneira diferente.

Ela provoca em mim, muitas teorias (como exemplo: Eu mesmo posso me apresentar como pessoa de várias formas.

- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (Uma história, uma lembrança, uma lembrança...) Sinceramente não.

- O que você vê na imagem? Devemos detalhar a imagem, citando quais os objetos que compõem a imagem. Como eu já comentei, depois de saber a história da obra de arte, eu vejo de um modo diferente, mas antes eu via uma cadeira e dei quatro.

Com os alunos do Ensino Médio foi muito grande a surpresa que eu tive ao ler as respostas. O retorno que tive sobre a percepção bastante variada das obras expostas, seus olhares, a criatividade nas conexões que fizeram com o seu cotidiano, sobre o que viam, foi bastante interessante no meu ponto de vista, como

no caso do Aluno 6 que escolheu a obra “Lobster Telephone” por o telefone representar a vontade de telefonar para alguém e não poder (a lagosta, em sua percepção representava o obstáculo que o impedia de realizar a ligação). Já a sua opinião crítica julgava que “O Banho de Vênus” merecia mais cores e mais elementos.

Nos escritos dos estudantes também era possível ver que a vivência deles pode ter interferido nas escolhas, como por exemplo, o Aluno 6, que lembrava de momentos em que quis falar com alguém mas que não devia, pois a pessoa o machucava. É interessante ver em outra resposta, também deste estudante, que ao ser perguntado o que lembrava a partir desta imagem, respondeu que (sobre a obra “O Banho de Vênus”) lembrava de momentos em que “podia ter sido mais criativo”, ou seja, o Aluno 6 não falava da obra sobre os seus elementos visuais, tampouco sobre o conceito do artista ao criá-la, e sim de sua própria percepção sobre a obra, sua experiência. Como falado anteriormente, ele acreditava que a obra merecia mais cores e mais elementos. Neste momento, talvez, a obra em si já se tornara para o aluno aquilo que ele pensava sobre ela, e não o que o artista tenha pensado ao organizar os objetos daquela forma, pois o estudante atribuiu à peça uma experiência pessoal, ou seja, uma leitura mais subjetiva, não formal.

Como reevocação, representação ou imaginação, a imagem tem esse caráter enigmático e crítico que condensa extremos – o distante e o próximo, o real e o imaginado, o presente e o passado – que podem unir elementos empíricos e simbólicos, criando tensões que articulam os extremos da materialidade e dos significados. As imagens instauram memórias possíveis, organizam o tempo em um trânsito em que as lembranças ganham mobilidade e deixam de ser um passado estático, criando um fluxo entre presente, passado e futuro.

Desse modo, as temporalidades da imagem se sobrepõem e, às vezes, se confundem como ondas que se propagam e se entrecruzam movidas por uma tensão com o mundo. Um mundo que não está dado, mas que é construído e operado pela inscrição de sentidos gestados na interação dos indivíduos com as imagens. [...] (MARTINS, 2013, p.85)

Ao analisar esta percepção do Aluno 6, associo ao que escreve LUCIE-SMITH (2005, p.38), quando ele afirma que “[...] A força que impulsiona a arte não é a atividade exibicionista da pessoa que cria, mas, a resposta do público. [...] Mas, até que essa reação seja ativada, o trabalho de arte, enquanto realidade, não existe.”.

A obra “Da condição feminina” também foi bastante observada pelos estudantes, até por aqueles que não a escolheram para sua escrita, ela foi

comentada na aula. O fato de a mulher estar sem braços não passou despercebido e a discussão sobre machismo no cotidiano foi debatida em aula por estudantes de ambos os gêneros. Passagens do dia-a-dia deles foram citadas, como no caso do Aluno 10 que relacionou a obra com uma frase dita por sua mãe “não vai cair tuas mãos de fazer isto”. Ou também o Aluno 9, que escreveu que faz tudo que dizem que mulheres têm que fazer. Esta obra propiciou aos estudantes (nas turmas de Ensino Médio) um bom momento de percepção de como a arte nos traz à reflexão assuntos do cotidiano dos alunos, por outro lado, não foi muito debatida pelos alunos do Ensino Fundamental.

Esse exercício de observar e relatar sobre as imagens dos artistas, em ambos níveis de ensino básico, era uma atividade introdutória, uma sondagem para eu me familiarizar com a percepção dos alunos sobre objetos de arte e a forma deles se envolverem com estas linguagens artísticas, como serviu também para iniciar a conversa com eles sobre estes objetos. Grande surpresa foi a que tive ao ler os resultados que foram além do esperado. Assim, comecei já a perceber nas respostas dos estudantes sobre os objetos usados pelos artistas em suas obras, um pouquinho do cotidiano dos alunos em suas formas de ver as imagens.

Na segunda semana de aulas a atividade consistia em os alunos trazerem objetos de casa para montarem seus trabalhos, dando título, se identificando como autor/artista, fazendo a etiqueta da sua obra e um breve texto que descrevesse a sua produção. Como nem todos alunos levaram materiais, alguns foram disponibilizados por mim e eles ficaram livres para trocar entre eles ou pedir emprestado, assim como utilizar os objetos do ambiente escolar, com a condição de cuidá-los e não alterarem (riscar, cortar, manchar, entre outros) o patrimônio da comunidade escolar. Nesta semana parte dos estudantes se mostrou um pouco mais desanimada, eles não sabiam muito bem o que fazer, como fazer, se preocupavam com existir o “certo” e o “errado” e a todo tempo perguntavam: “pode ser isso, professora?” Incrédulos por não precisarem esculpir, modelar, desenhar, para criar uma obra. Algumas imagens das produções:



Equilíbrio

Este obra foi feita por [redacted] que teve a ideia de retratar o equilíbrio em uma forma concreta apenas usando uma garrafa pet e uma cadeira. Este obra foi feita em 2019 com uma ideia sobre o equilíbrio de nossas vidas e o nosso psicológico retratando nossos momentos de nossa vida.

Ele este situação no museu do Louvre na França publicada dia 29/10/2019.



PORTO ALEGRE, 2004
 TEIAS, 20 99

VIM AQUI PARA FAJAR DA OBRA CHAMADA
 "TEIAS" QUE É UMA OBRA MUITO CONCEITUAL
 POIS ELA CONTEM UMA HISTORIA E UM SENTIDO
 POR TRÁS DELA. ESSA OBRA CONTEM ARANHAS
 E TEIAS, ELAS ESTÃO SIMBOUZANDO O LAÇO
 ENTRE AS PESSOAS, POIS TEIAS SÃO FÁCEIS DE
 SE PARTIR, OS LAÇOS TAMBÉM. A OBRA É
 FEITA APENAS DE PLÁSTICO E LINHAS, MUITO SIMPLES,
 PORÉM PROFUNDO. ESSA OBRA VEM DE ~~PORTO ALEGRE~~
~~NADA~~ NADA MAIS, NADA MENOS, DO QUE
, QUE É FAMOSO POR SUAS OBRAS PROFUNDAS
 E SENTIMENTAIS. A OBRA PODE SER VISTA NO MUSEU

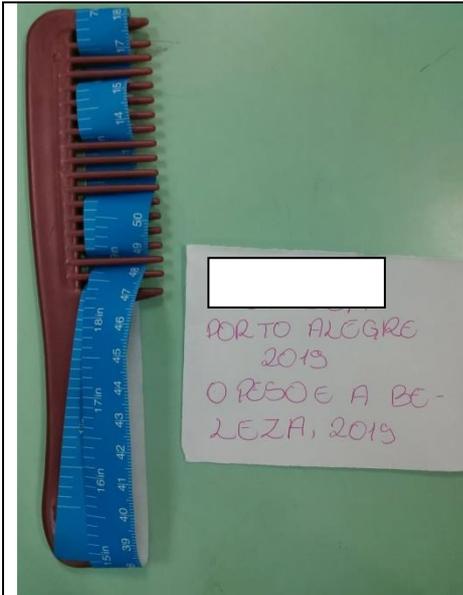


Em Pé

A obra retrata a perna de uma pessoa que está ferida, mas mesmo assim continua de pé seguindo em frente e enfrentando seus objetivos.

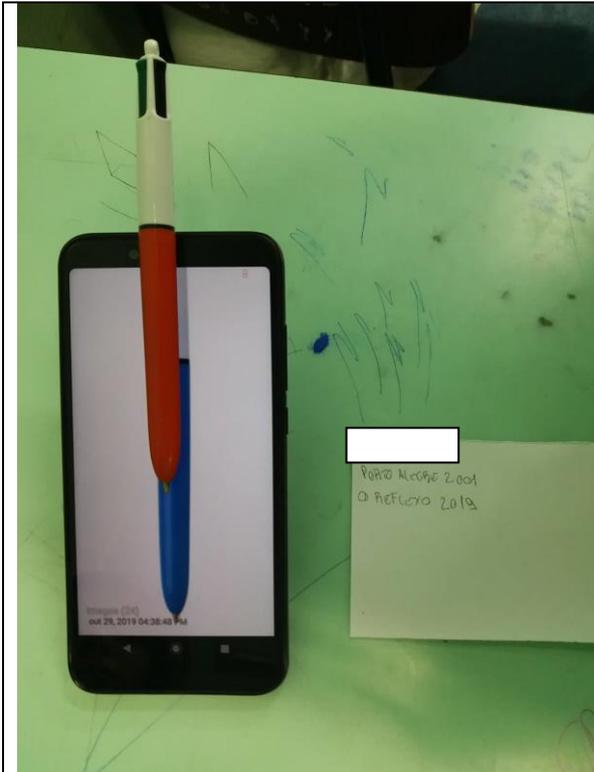
Foi feita com uma garrafa de água vazia, um estojo de óculos e papel higiênico.

"Em Pé" foi feita por [redacted] de 16 anos de idade e estava localizada em uma escola de [redacted] de Porto Alegre. Foi destruída por vandalos apenas três semanas depois de finalizada. Foi leilada para a Escola [redacted], por 100 reais, muitos dizem que os vandalos foram os próprios alunos da escola, mas nunca descobriram que foi.

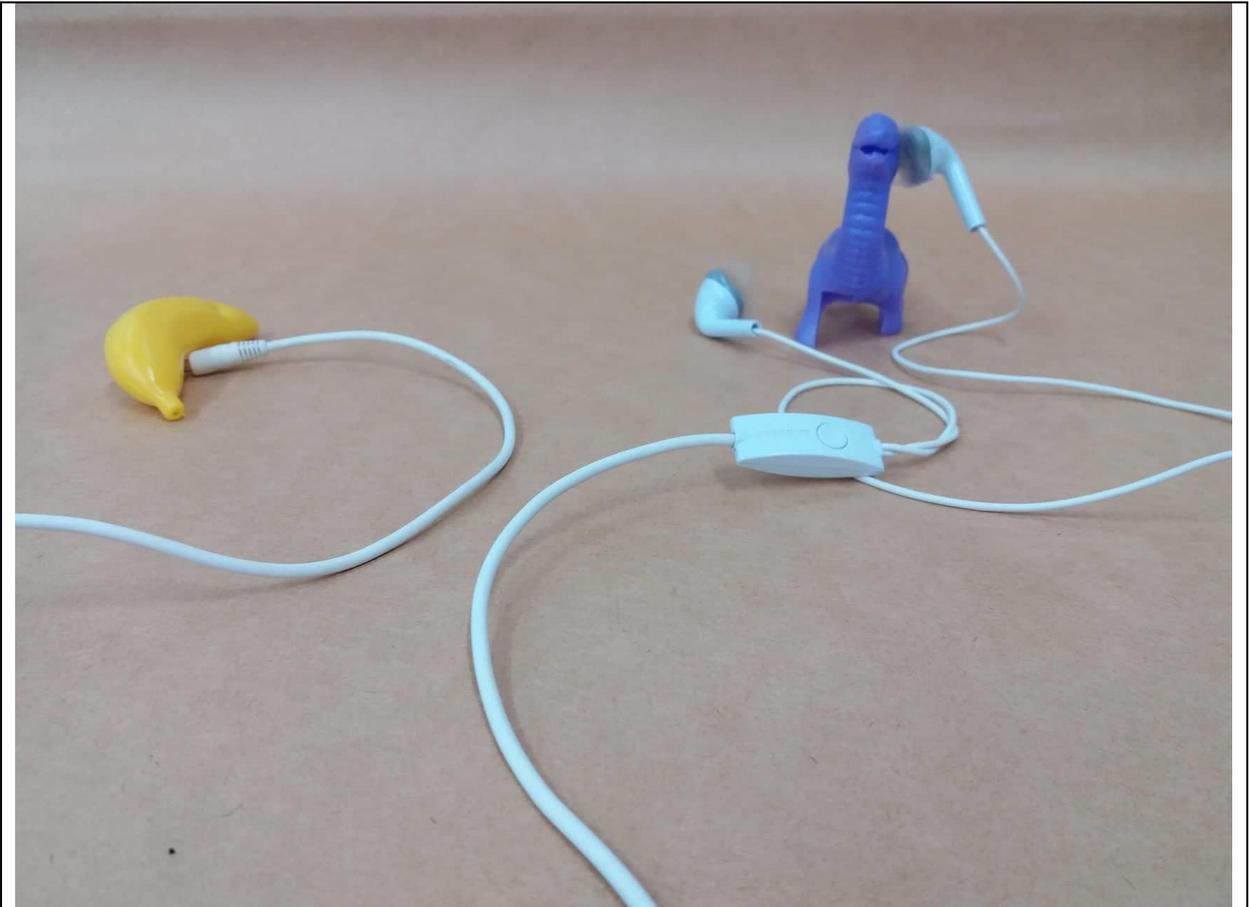


A obra "O peso e a beleza", feita por um artista desconhecido , pode ser um homem ou uma mulher, não sabemos ao certo. Criada em 2013. Esta obra apresenta uma questão que está presente muito em nossa sociedade, a beleza e o peso em conjunto, que hoje em dia a sociedade em si põe um padrão de peso e de beleza, e se homens e mulheres não estão neste padrão, é julgada, submetida a muito preconceito por conta deste assunto.

Os materiais presentes na obra, nada mais e nada menos do que um pente de cabelo e uma trena métrica.

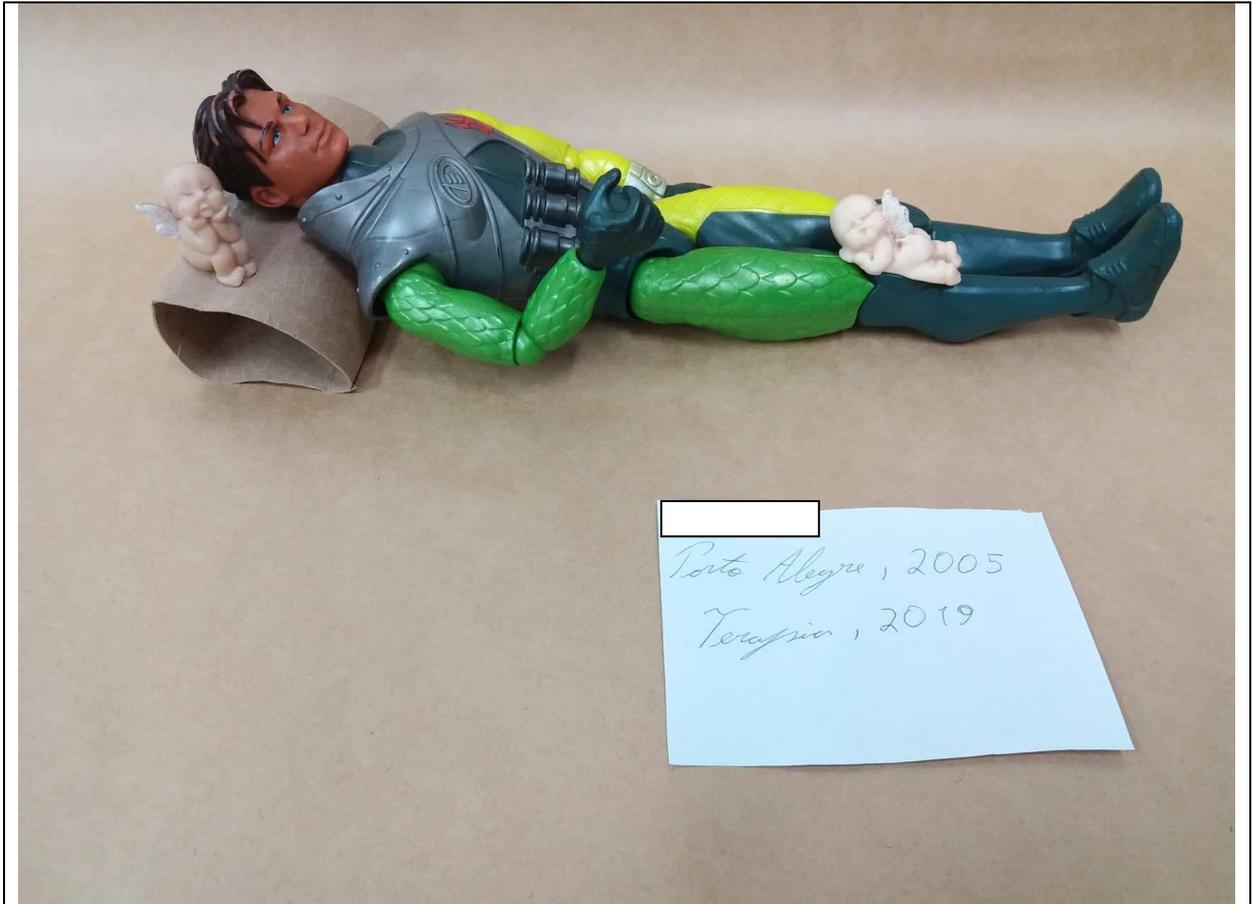


A OBRA "O REFLEXO" DE [REDACTED] FEITA EM PORTO ALEGRE EM 2019 NUMA SOLA DE AULA FOI FEITA COM UMA CANETA ESFEROGRAFICA COM 4 CORES E UM CELULAR NA OBRA O CELULAR REPRESENTA O TECNOLÓGICO E A CANETA REFLETIDA A SUPERFICIALIDADE VINDO DO TECNOLÓGICO JÁ QUE É APENAS UMA IMAGEM SEM FUNCIONALIDADE JÁ A CANETA EM SI REPRESENTA O PASSADO AS COISAS MANUAIS E ANTIGAS COMO A ESCRITA HABILIDADE MAIS ANTIGA DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE A OBRA É ATUALMENTE EXPOSTA NO COLÉGIO [REDACTED] E FOI AVALIADA NUM VALOR DE 800 REAIS



Reflexão

A dor é composta por um diáfragma, um fone de ouvido e uma banana. O diáfragma está em um momento de reflexão enquanto escuta música pelo fone que está conectado em uma banana.



Porto Alegre, 2005
Terapia, 2019

Obra: Terapia

A (re) obra representa uma de terapia de um brinquedo non-observando deitado com dois anjos, a obra tem como objetivo mostrar como qualquer um tem os seus anjos e convive com eles não verbalmente e sim espiritualmente.



A subida

A subida representa uma luta aonde todos passam por isso ou um passar ela representa que todos podem conseguir superar suas dificuldades até um eulinha chamada noel a pinha representa neve de porque todos temos uma nevada atrás de nos uma pedra, deridas, formulha e deensas pode não pareceri mas uma coisa são completa pro alguns pode ser mas profunda pra outros uma imagem vale mais que mil palavra quem palmente si suri de coraçao como eu sempre falo e um começo.



Porto Alegre, 2005
 Título:
 O Natal Irônico

A obra fala sobre "O Natal Irônico" sobre um dinossauro comemorar o natal e o "irônico", e que naquela época não existia ainda o natal e o interesse dessa artista e que ela usou um extojo para dipinturar a "luz" que seria a pinha, baseada usada na escultura, e o interessante ela usou uma cole como base de uma pinha simbolizando uma árvore.



Esta obra é de um artista que não definiu seu gênero até os dias atuais. O(a) artista definiu a obra como "Nova Geração", e disse algumas palavras sobre a obra.

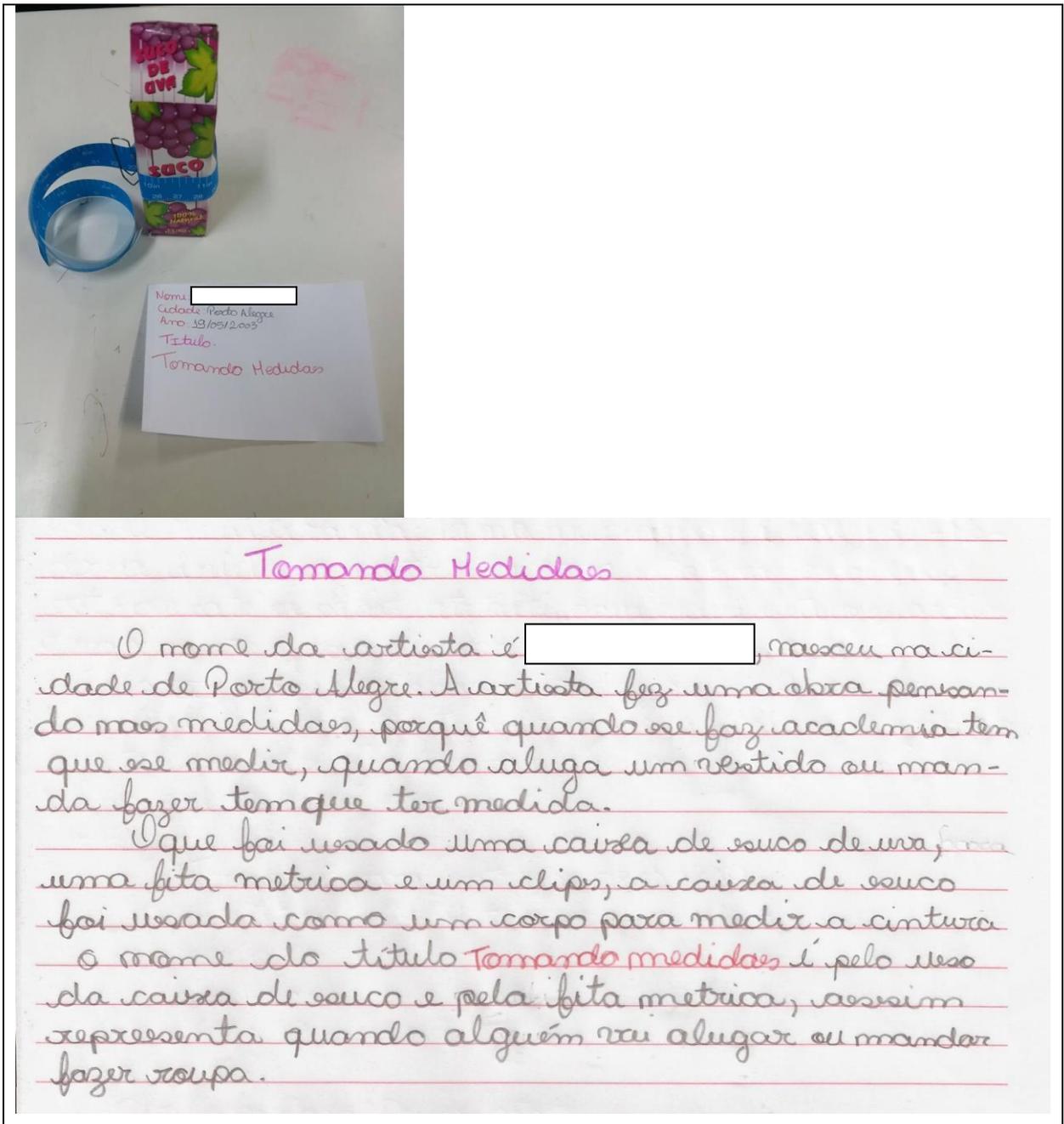
"A camisinha avermelhada e furada, representa o "meje" que o mundo tem da menstruação, e como é um tabu enorme até mesmo para as mulheres. Ela estar furada significa o descuido e o desprezo do mundo para as novas gerações e para as novas ideias que virão com elas. É também como elas, a nova geração, trazem tabus e expõem coisas "novas" a tona. É a garrafa pet simboliza além de um "pênis" (ou patriarcado) como também o quanto usam o plástico, em qualquer coisa."

Essas foram as palavras do Artista Portocalegrense sem gênero que tem ganhado mais espaço no mundo Artístico.

Objetos usados: garrafa pet (plástico), uma camisinha e latim vermelho.



Esta é uma obra que tem como conceito retratar uma pessoa tentando escapar dos seus próprios problemas causados pela sua ambição e egoísmo. A obra é composta por uma aranha de plástico e uma linha preta que representa a sua teia onde ela está presa; esta teia representa seus problemas emocionais que estão a sufocando.



Analisando as imagens dos trabalhos dos estudantes, e por ter os acompanhado em suas produções, vejo que cada pessoa tem seu tempo, sua forma de entender e perceber o seu redor. Cada uma tem também uma forma de olhar, selecionar e representar aquilo que vivencia no decorrer da vida. Nessa atividade foi possível acompanhar o aprendizado dos alunos, perceber a influência dos artistas na produção de seus trabalhos de aula através do acúmulo, do deslocamento, da transferência das utilidades nos objetos utilitários; também como eles/as lidam com o humor, o senso crítico, a sensibilidade com questões sociais e outros aspectos.

Embora eles se demonstrassem inseguros e perguntassem muitas vezes: “está bom?” e tivessem trabalhando com matéria prima limitada, foi possível ver o projeto se desenvolvendo, as referências das obras dos artistas virando pano de fundo em suas produções e as discussões de aula sendo assimiladas. O que foi possível desconstruir e reconstruir na aula seguinte, quando os alunos foram convidados a fazer uma mediação dos trabalhos dos colegas.

Na atividade de mediação houve muito interesse por parte de todos. Queriam saber o que os colegas iriam falar e para eles muitas partes da mediação era interessante, desde a localização que inventariam para a sua obra “Museu do Louvre” ou “Museu da França”, como alguns que nomearam, o “Museu da PUCRS”, o “Museu vermelho de São Paulo” ou o “MASP”. Interessava também o quanto aquela obra era avaliada se seria em “reais” ou em outras moedas; onde eram famosos: “famosíssimo no Instagram” ou “mundialmente famoso”; mas também lhes interessava saber o que o público da sala de aula percebia sobre sua obra. Sobre isto, Lucie-Smith (2005, p.38), afirma que: “[...] O objetivo do trabalho de arte é também (ao menos em parte), provocar diferentes interpretações. Isto é, ele existe para ter suas várias interpretações de intenção no sentido de que a reação do espectador nunca é neutra. [...]”.

Quando o colega que estava mediando falava algo diferente daquilo que os alunos haviam planejado, eles precisavam se conter para não interferir, mas depois cada um teve a oportunidade de falar sobre o seu processo e as suas intenções, além de apontar quais observações dos mediadores foram diferentes, mas que consideraram interessantes.

[...] a arte – as artes, no plural, eu diria – têm esta força de provocar deslocamentos perceptivos, epistemológicos e interpretativos. Tais deslocamentos não significam sair ou esquivar-se de um lugar/espço/tempo para situar-se, instalar-se em outro. O pluralismo de visões e a multiplicidade de realidades que as artes podem acionar se combinam numa perspectiva que busca fazer desaparecer os velhos ‘isso ou aquilo’. [...] (TOURINHO, 2012, p.232)

Na maioria dos casos os alunos gostaram das colocações diferentes dos colegas e disseram que gostariam de incorporá-las aos seus discursos sobre o trabalho a partir de então.

A aula quatro aconteceu em apenas três das quatro turmas, nela houve aprofundamento nos estudos sobre Jac Leirner, Nelson Leirner e Sandro Ka. Em duas turmas assistimos vídeos sobre intervenção, instalação e pesquisamos na internet. Em outra turma ocorreu apenas a pesquisa online, uma vez que os vídeos do *YouTube* não passavam no computador da escola. Esta era a aula que mais me deixava com receio por ser bastante teórica e ter poucas atividades de envolvimento com a turma, foi também a aula em que um professor da UFRGS foi visitar o estágio.

Fiquei feliz e surpresa ao ver o envolvimento dos estudantes e a curiosidade deles sobre o assunto. Assistiram com muita atenção a aula, participaram e sugeriram itens para pesquisa. A atividade da aula era pensarmos juntos uma intervenção/instalação para ser feita pela turma na escola. Com questões disparadoras fomos construindo uma obra para ser feita por cada turma, os próprios alunos elegeram representantes para falar com a direção da escola sobre a sua proposta e conseguiram autorização para a execução da intervenção. Os pedidos deles foram aceitos para serem executados na aula cinco. Porém, devido à greve, não chegou a acontecer.

Em uma das turmas do Ensino Fundamental, os estudantes planejaram realizar uma intervenção no hall de entrada da escola, esta que passa por um momento em que está ocupando um espaço temporariamente fora de seu prédio. A intervenção que foi pensada e planejada pelos alunos consistia em juntar materiais que representassem os investimentos que deveriam ser feitos na sede de sua escola.

No Ensino Médio uma das turmas quis intervir nas escadas da escola, colocando letras de músicas e objetos que as representasse, tendo como tema norteador assuntos polêmicos. Tais assuntos foram de livre escolha por parte de cada aluno. Na outra turma, foi decidido recolher durante um dia todas as bolinhas de papel que eles encontrassem na escola e fazer uma grande instalação com elas.

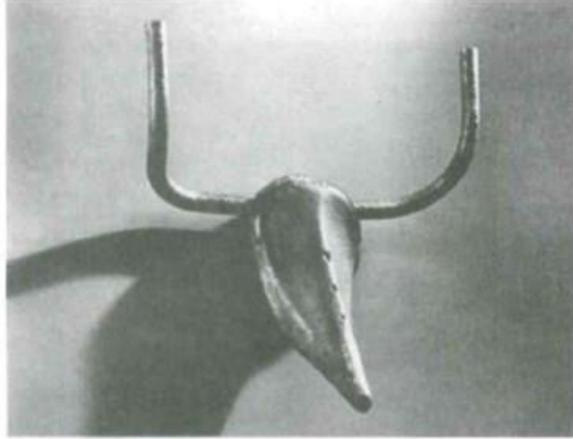
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da construção do Projeto de Pesquisa, as perguntas que eu pensava serem centrais eram “por quê isso é arte?”, “isto também pode ser/é arte?” e também uma questão que, acreditava, ter maior destaque: “onde existe arte?”. Agora, a cada vez que leio, escrevo e reescrevo este trabalho, mudo as questões na exaustiva tentativa de perceber e de definir as perguntas que conseguimos responder e as novas que surgiram. Porém, a cada nova leitura, novos questionamentos surgem, o que me faz pensar que este trabalho parece não estar concluído e sim, em construção a cada vez que é mexido e pensado.

Com os alunos, poucas vezes foi levantado o questionamento do “por quê isso é arte?”, na prática das aulas a necessidade de afirmação era mais presente em outra questão, qual seja: “isso pode ser arte?” Ainda, mais frequentes eram as perguntas sobre as produções, como: “está bom assim?” ou “está certo?”. Talvez porque inicialmente para eles não havia interesse em debater, se alguém dizia que era arte, então estava dito, sem haver necessidade de “porquês”.

Um fato muito marcante que aconteceu no decorrer do estágio foi o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No início das atividades do estágio, já era possível notar o interesse dos alunos em determinados pontos da aula, porém a aula mudou a partir do dia do ENEM. No Exame foi apresentada a imagem da obra Cabeça de touro, do artista Pablo Picasso e feita a seguinte questão:

Questão 27



PICASSO, P. *Cabeça de touro*. Bronze, 33,5 cm x 43,5 cm x 19 cm. Musée Picasso, Paris. França, 1945.

JANSON, H. W. *Iniciação à história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Na obra *Cabeça de touro*, o material descartado torna-se objeto de arte por meio da

- A) reciclagem de matéria-prima original.
- B) complexidade da combinação de formas abstratas.
- C) perenidade dos elementos que constituem a escultura.
- D) mudança de funcionalidade pela integração dos objetos.
- E) fragmentação da imagem no uso de elementos diversificados.

RESPOSTA

Alternativa D

Ao integrar objetos inicialmente descartados, o artista dá ao conjunto nova significação, integrando-os em um novo contexto artístico.

FONTE: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/questao-27---prova-amarela---enem-2019.htm> (acesso em novembro de 2020)

Total foi a euforia de todas as turmas (Ensino Médio e Fundamental) na aula seguinte à realização do Exame. Embora nenhum dos alunos estava em ano de concorrer no Exame, a maioria teve acesso à questão e estavam felizes por saberem responder. Foi a partir de uma questão do ENEM que o conteúdo de aulas de artes pareceu ter sido legitimado aos estudantes. Assim, eles demonstraram mais empenho e interesse nas aulas a partir de então, do que mostravam nas anteriores.

Então passei particularmente a ter uma nova questão, não necessariamente sobre arte, mas sobre o ensino da arte. O que e como se legitima um conteúdo de arte para a escola? Tive uma resposta possível com essa questão do ENEM sobre a área, mas certamente esta não é a única ou a mais importantes forma de legitimação de um conteúdo.

Embora as aulas do projeto de ensino não tenham sido concluídas devido à greve, pude ver a mudança na percepção dos alunos acontecendo, os debates sobre as obras, a forma como eles se dirigiam aos trabalhos dos colegas com respeito ao que foi produzido e à importância que davam aos seus discursos e às contribuições dos outros estudantes. Destaco também o fato de eles se empolgarem ao ouvir os colegas falando sobre sua produção, seu entusiasmo ao tentar complementar as falas deles e a alegria quando os colegas entendiam o que tentavam passar. Nessa direção, os estudantes incorporaram aos seus discursos aquilo de interessante que ouviam os colegas falarem. Não recordo de ter presenciado situações de menosprezo pela produção do outro ou de acharem que aquela produção não era adequada, ao contrário, em todos os momentos eles respeitaram e contribuíram e, principalmente, não questionaram se aquele objeto produzido “era arte mesmo”.

8 REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a Educação Artística. IN: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene [Orgs.]. **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2009, p.157-186;

CAMPOS, Ronaldo. O SIGNIFICADO DA ARTE: FORMA E LINGUAGEM NA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA, **e-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social** do Centro Universitário de Belo Horizonte, vol. 7, n.º 1, Janeiro/Julho de 2014 - [www.http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/index](http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/index). Disponível em <http://revistas.unibh.br/dchla/article/download/1458/pdf_1> acesso em jul. 2019

CARRER, Vanessa. **Deslocando objetos**: o estranho no cotidiano da arte. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais da UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC, 2013. Disponível em <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/1864>> acesso em mai. 2019

CARVALHO, Ana Albani de. Tanto barulho por nada. In: KA, Sandro. **Sandro Ka**: tanto barulho por nada. Curadoria e texto Ana Maria Albani de Carvalho; apresentação e texto Carlos Trevi; tradução Nina Grieco; fotografia Filipe Conde. – São Paulo: Santander Cultural, 2017. 48 p.: il.: 15 x 15cm

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) 25ª edição. ISBN 85-219-0243-3. Disponível em <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>> acesso em nov. 2020.

GALERIA MAMUTE. **Mamute Galeria de Arte**, s/d. Sandro Ka. Disponível em: <<https://www.galeriamamute.com.br/sandro-ka>>. Acesso em: jun. 2019.

KASTRUP, Virginia. Educação e incerteza. Educação e invenção em tempos de incerteza. *In* **Incerteza Viva: Processos Artísticos e Pedagógicos** – 32ª Bienal de São Paulo (Material educativo), 2016. Disponível em: <<http://materialeducativo.32bienal.org.br/>>. Acesso em: nov. 2020.

LIMA, Pedro Ernesto Freitas. **Disfarce de intenções**: exposição e ocultação em Jac Leirner. Brasília: UNB, 2016. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Arte, UNB. Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20914/1/2016_PedroErnestoFreitasLima.pdf> acesso em jun. 2019.

LUCIE-SMITH, Edward. Arte moderna, história da arte e crítica da arte. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005, p.25-39.

MARGS. **MARGS**, s/d. Sandro Ka inaugura exposição individual no MARGS. Disponível em <<http://www.margs.rs.gov.br/midia/sandro-ka-inaugura-exposicao-individual-no-margs/>> acesso em jul. 2019.

MARTINS, Raimundo. Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens. *In* DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. (org.) **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

READY-MADE . *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>>. Acesso em: 07 de Mai. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ROSSINI, Elcio. **Objetos para ação**. Dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Poéticas Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, 2005. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5742/000474450.pdf?sequence>> acesso em mai. 2019

SCOVINO, Felipe. Negócio arriscado: dispositivos para um circuito da ironia na arte contemporânea brasileira. *In* **Revista Poiésis**, n 13, p. 159-172, Ago. de 2009, Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/poiesis/article/download/27046/15745> > acesso em nov. 2019

SILVA, Caroline da. Sandro Ka: enigma em formas e cores. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 de agosto de 2017. Panorama. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/08/cadernos/panorama/580564-sandro-ka-enigma-em-formas-e-cores.html> Acesso em: jun. 2019.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisa e educação: Questões éticas, estéticas e metodológicas. *In* TOURINHO, Irene. MARTINS, Raimundo (org.). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2012.

APÊNDICE A

AULA 1 – 2 períodos

Conteúdo: *Ready Mades* e *Objet trouvé*

Objetivo: Refletir sobre a utilização de objetos cotidianos em trabalhos artísticos;

Metodologia:

1 Iniciar a aula em forma de debate lançando duas questões disparadoras:

- “O que faz de um trabalho, uma obra de arte?”
- “Qual a contribuição do artista na constituição deste trabalho?” Ou “Qual o papel do artista no fazer artístico?”

Ir anotando no quadro frases das respostas dos alunos.

(Neste momento a professora apenas ouve e estimula os alunos a contribuírem com suas respostas, ainda sem reflexões sobre o assunto, deixando-os livres a expressarem seu entendimento sobre o assunto.)

2 Entregar aos alunos três folhas com questões para serem preenchidas.

Fazer a seguinte combinação com os alunos, antes de sair da sala de aula: vocês estão recebendo três folhas com as mesmas questões, nós iremos nos dirigir a outro local e, ao chegar lá, verão várias imagens, devem responder essas questões sobre 3 imagens, de sua escolha;

Levar os alunos ao pátio onde previamente foram espalhadas imagens de reproduções de obras de arte de Marcel Duchamp, Salvador Dali, Man Rai, entre outros.

Pedir que eles observem as reproduções fotográficas das obras e respondam a folha que contém as seguintes perguntas:

- Qual foi a primeira sensação que você teve ao ver a imagem? O que essa imagem provoca em você?
- Você lembra de algo sobre você a partir dessa imagem? (uma história, uma brincadeira, uma lembrança...)
- O que você vê na imagem? Descreva detalhadamente a imagem, citando quais objetos que compõe a imagem.

Retornar para a sala de aula e conversar com os alunos sobre a experiência.

Solicitar aos alunos que na próxima aula tragam de casa objetos que possam ser utilizados para montarmos um trabalho de arte.

Avaliação: O quanto os estudantes refletiram sobre a utilização de objetos cotidianos em trabalhos artísticos? Como se deu a atividade? Que acepções surgiram nas respostas dos alunos?

AULA 2 – 2 períodos

Conteúdo: *Ready Mades e Objet trouvé*

Objetivo: Conhecer artistas e obras, na história da arte, que utilizam objetos cotidianos;

Metodologia:

1 Lembrar as discussões da aula anterior, retomar algumas percepções que os alunos tiveram durante a semana;

2 Apresentar aos alunos as obras que estavam dispostas na aula anterior, falar um pouco sobre os artistas, sobre o que são *ready mades* e *objet trouvé*.

3 Pedir que os alunos coloquem sobre as mesas os objetos que trouxeram de casa e montem seu trabalho de arte, sem contar para os colegas o que fez, nem os motivos de suas escolhas. A professora levará alguns objetos para o caso de alunos que não levarem e deixará disponível para que eles selecionem dentre os levados por ela.

4 solicitar que os alunos escrevam um texto sobre seu trabalho e entreguem à professora ao final da aula, sem que os colegas tenham acesso ao conteúdo que foi escrito. Pedir que eles escolham um título para a sua obra e escrevam no texto, assim como escrevam também os materiais que fazem parte do trabalho (por exemplo: cola, plástico, papel, tecido). Solicitar que os alunos, conforme forem terminando, caminhem pela sala e conheçam visualmente os trabalhos dos colegas.

(a professora irá fotografar e medir o objeto de cada aluno e anotar o nome do autor)

Avaliação: Na aula foi possível que os alunos conhecessem quantos e quais artistas? Os alunos conseguiram produzir objetos novos a partir dos coletados por eles? Como foi essa produção? Como o texto produzido por eles descreve os objetos (esteticamente, conceitualmente, etc)? Como se deram as atividades do dia? Quais dificuldades surgiram no fazer dessas atividades?

AULA 3 – 2 períodos

Conteúdo: *Ready Mades* e *Objet trouvé*

Objetivo: Perceber o fazer artístico de um artista que trabalha com objetos cotidianos.

Metodologia:

Iniciar a aula perguntando aos alunos como foi a experiência da semana anterior:

- como vocês selecionaram os objetos que trouxeram? Quais foram os critérios?
- como vocês planejaram a montagem do trabalho de arte? Quais critérios vocês levaram em consideração? (formato, cor, tamanho, significado, aparência, outros)
- questionar sobre qual o papel/qual o fazer do artista na produção de um trabalho de arte que utiliza objetos cotidianos.

1 Agora, cada aluno será mediador da obra de um colega, devendo respeitosamente apresentar o trabalho aos colegas fazendo perguntas aos demais, que estimulem a percepção do trabalho.

Para isso, a professora levará à aula a fotografia dos trabalhos da aula anterior e distribuirá aleatoriamente dentre os alunos, juntamente à cada uma de suas respectivas legendas, que contém o título e a técnica/materiais da obra.

A atividade ocorrerá da seguinte forma:

- A professora irá distribuir aos alunos as folhas com a fotografia de um trabalho de um colega.
- O aluno irá receber a folha com a fotografia e irá descrever o máximo que conseguir os detalhes da obra. (questões disparadoras: quais materiais? Qual o tamanho? Qual a sensação que este objeto te passa?)
- Quando parte da turma já houver terminado de escrever, eles serão convidados a apresentar a obra do colega em forma de mediação. Iremos para outro local da escola (pátio ou outra sala) e as imagens serão dispostas de forma que todos vejam. O aluno deverá mediar a obra do colega.

Ao final, os autores da obra poderão contribuir falando sobre suas próprias anotações.

Avaliação: Como os alunos se envolveram com a atividade? Como foram as atividades de mediação do colega e de contribuição do criador do trabalho? Os expectadores se envolveram nas mediações? Quais os principais pontos observados pelos alunos (expectadores, mediadores e criadores) nas mediações?

AULA 4 – 2 períodos

Conteúdo: *Ready Mades e Objet trouvé*

Objetivo: Conhecer artistas e obras, na arte contemporânea, que utilizam objetos cotidianos; Reconhecer o espaço escolar como espaço de arte; Perceber espaços na escola; Retomar questões sobre o fazer artístico e a constituição de obras de artes;

Metodologia:

1 Apresentar aos alunos os artistas Nelson Leirner, Jac Leirner e Sandro Ka. Destacar algumas características que marcam a produção destes três artistas brasileiros que pertencem a diferentes gerações e que seguem produzindo até os dias atuais arte com objetos cotidianos com olhares distintos a estes objetos. Nelson Leirner que faz provocações; Jac Leirner que trata do consumo e Sandro Ka que lida com a ironia.

2 Solicitar aos alunos que façam um projeto de algo na escola para “chamar atenção” ou “salientar” algo. Planejar com os alunos uma ação que chame atenção para este espaço, que pode ser modificando um objeto do espaço, salientando um móvel, etc. Escrever o plano detalhadamente, junto aos alunos e solicitar à direção da escola a autorização de executar o plano.

Exemplos: fazer junto às lixeiras de coleta seletiva escultura referente ao que pode ser colocado lá dentro; fazer uma cortina de rótulos para a cozinha da escola; entre outros.

Avaliação: Foi possível destacar com os alunos pontos sobre a produção dos artistas contemporâneos? Os alunos contribuíram com ideia ao projeto de intervenção na escola? Aconteceu a percepção, por parte dos estudantes, da escola como possível espaço de arte e os objetos do seu meio como materialidades artísticas?

AULA 5 – 2 períodos

Conteúdo: *Ready Mades e Objet trouvé*

Objetivo: Reconhecer o espaço escolar como espaço de arte; Perceber espaços na escola; Retomar questões sobre o fazer artístico e a constituição de obras de artes;

Metodologia:

Após aprovação da direção do plano/projeto da aula anterior, a atividade será realizada em segredo, sem contar ao restante da escola.

Nos momentos de convívio os alunos observarão a reação dos colegas de escola sobre o que foi executado pelos mesmos, sendo importante que eles não chamem

atenção para os objetos. Pedir que eles anotem as reações que presenciarem para conversar em aula.

Fazer uma roda de conversa em sala de aula, junto à uma confraternização de despedida. Reapresentar aos alunos as questões levantadas na primeira aula: - “O que faz de um trabalho, uma obra de arte?”; “Qual a contribuição do artista na constituição deste trabalho?” Ou “Qual o papel do artista no fazer artístico?”

Avaliação: Os alunos executaram o projeto de acordo com o planejado? Houve percepção, por parte deles, da escola como possível espaço de arte e dos objetos do seu meio como materialidades artísticas? Houve mudanças nas respostas às questões levantadas na primeira aula? Quais mudanças? Os alunos perceberam essas mudanças?